

XI

O Occidente no tempo dos Argonautas. — Questões ethnographicas

Os factos, que resultam da nossa interpretação da Argonautica, dão ás ideias, que a rotina nos obrigava a formar sobre o extremo occidente, o mesmo desmentido que lhe deram os documentos egypcios, descobertos neste seculo, no tocante ás cousas da Sicilia.

Conforme estes documentos, alguns seculos antes da guerra de Troia, a Sicilia era occupada por um povo, que conhecia e empregava o bronze, e possuia uma marinha de certa importancia ¹; no emtanto, a cremos a historia rotineira, ainda nos tempos homericos quem dominava naquella ilha

¹. Vid. Chabas. *Études sur l'antiquité historique*, pag. 191 e seg. Allusão a objectos de bronze, pag. 196, por ex.

eram selvagens antropophagos da peor casta, os Cyclopes e Lestrigões, n'uma palavra.

O que não seriam em vista d'isto os povos das extremidades da terra? Pelo menos selvagens da mesma especie que os Cyclopes e Lestrigões. Mas ahi temos a Argonautica a affirmar o contrario. No sudoeste da Hispanha mostra-nos ella povos de certa cultura, mantendo relações com a Inglaterra, por meio da estrada maritima que os Phenicios tanto ambicionaram conhecer, e que a gente dos dous paizes percorria com toda a audacia, pois já mostramos que o mesmo trajecto da Corunha para o Canal da Mancha não foi d'iniciativa phenicia, mas indicado pelos guias dos Argonautas, como um caminho vulgarmente trilhado antes d'estes.

Na Inglaterra, a ilha dos Albiões da geographia phenicia, encontramos uma marinha respeitavel; e, sabendo nós que foi a celebridade das suas minas d'estanho que levou alli os mercadores de Tyro, escusado é perguntar o que podia ter creado e o que podia alimentar uma similhante marinha. Inquestionavelmente o commercio do estanho, que chamou alli grande numero de consumidores mais proximos, antes de chamar os Tyrios.

É pela exploração do estanho e pelo commercio activo, que ella desenvolveu, que se explica a existencia d'essa numerosa esquadilha, que Aetes pôde soltar sobre os Phenicios, perseguindo-os por todo o Mar do Norte, cortando-lhes a tempo a retirada pelo Calais etc. : é ainda assim que se explica que Argus, como todos os seus compatriotas, conheçam a communicação entre o Mar do Norte e o Mediterraneo pela navegação do Rheno e Rhodano. Esta navegação não era, como já dissemos, senão o

caminho do estanho para o centro ² e sul da Europa; e é por isso natural, como notamos também, que fosse pelas immediações da foz do Rhodano que os Tyrios ouvissem fallar da ilha, d'onde era extrahido aquelle metal, cuja pureza tanto deviam apreciar.

Tudo isto são cousas pouco menos d'intuitivas, desde que se admite a authenticidade da Argonautica phenicia; mas esta exuberancia de vida, que temos d'imaginar percorrendo as grandes arterias do Rheno, do Rhodano e ainda do Danubio, presuppõe a existencia de numerosas populações, que a tornavam possivel, e sobre este ponto não nos dão as nossas legendas as noticias circumstanciadas que tanto nos importava conhecer.

Ainda assim não é pequeno o serviço que nos prestam, aclarando com os seus lampejos a antiga ethnographia phenicia e imprimindo-lhe um character seguro e preciso, que não falta quem lhe dispute.

Como é sabido, a antiga geographia, que Mullenhoff chama phenico-grega, contrapunha aos Scythas dominando o norte, e aos Æthiopes dominando o sul, os Ligures dominando o occidente ³.

² Segundo F. de Rougemont, *L'âge du bronze*, pag. 70, as analyses de Fellenberg provam que o estanho, contido nos bronzes das cidades lacustres da Suissa, é tão puro, que só podia provir da Inglaterra.

³ Hesiodo, fragm. cxxxii, ed. Didot. Bem que Hesiodo não precise a posição d'estes tres grandes grupos ethnicos, ella infere-se d'um texto d'Ephoro (Fragm. 38, ed. Didot), que copia innegavelmente a geographia, seguida por Hesiodo, quando nos apresenta os Scythas dominando no norte, os Æthiopes no sul, os Celtas no occidente. Os Celtas substituem agora os Ligures,

É manifesto que o valor ethnographico d'esta ultima secção é o mesmo que o das outras duas e significa apenas, não uma absoluta identidade ethnica em todos os povos do Occidente, mas que na epocha, em que tal classificação veio a lume, quem se distinguia no Occidente pela sua maior civilisação e pela área, em que a sustentava, era uma grande massa de populações tão semelhantes entre si, que podiam ser designadas por uma denominação commum.

Mas porque a denominação de Ligures? Os primeiros Ligures, com que os Phenicios estiveram em contacto, foram os da Sicilia e da Italia, porque não soffre duvida que o primitivo ethnico dos Siculos e de muitas populações italiotas foi o de Ligures ⁴. É pois de crêr que fosse com elle que os Phenicios designassem ao principio os povos áricos, com que conviveram n'esta parte do Mediterraneo, e de crêr é tambem, quando vemos tal denominação applicada a todos os povos do Occidente, que ella fosse uma ampliação, motivada pela similhança, que com os Ligures do Mediterraneo iam offerecendo as populações, que elles descobriam nas suas viagens.

porque a ruidosa conquista celtica do sec. vii, os deixára quasi na sombra. Apollonio, como se vê dos versos iv, 611, 635, 645, adopta na sua Argonautica a geographia, seguida por Ephoro, commettendo um tão palpavel anachronismo, que o primeiro documento antigo que menciona o nome de Celtas é o periplo phenicio do sec. vi, e entre os Gregos a obra perdida d'Hecateu de Mileto, posterior ao periplo. No tempo dos Argonautas os Celtas erravam, ninguem sabe por onde.

⁴ Sobre este ponto vid. Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, pag. 245.

Relembremos alguns factos da viagem ao Mar do Norte. No sudoeste da Hispanha, onde, diga-se de passagem, Thucydides menciona uns Ligures, anteriores á chegada dos Phenicios, encontram estes o culto de Circe, uma deusa adorada pelos povos italicos, taes como os Latinos e Marsos ⁵.

Se os nomes de Phryxo, Lyco, etc., de cuja authenticidade não se póde duvidar, provam que esta parte da Hispanha já no tempo dos Argonautas estava na posse de populações arianas, o culto de Circe prova ainda que estas populações eram intimamente aparentadas com os Ligures da Italia e da Sicilia.

Deixemos a ilha Aretias com o seu templo de Marte. Na Inglaterra, lá encontram os Phenicios os nomes d'Aetes, Phaethonte, Argus, etc., e a deusa Circe, recebendo homenagens semelhantes ás do sudoeste da Hispanha e da Italia.

É certamente com gente da mesma familia dos Albiões da Inglaterra que convivem os Phenicios, durante a sua estada na Pheacia, da foz do Rheno. A velha legenda de Phaethonte collocava mesmo alli uns Ligures; e o nome d'Eridano, tão genuinamente ariano, que Herodoto o tinha por grego, sem embargo das desconfianças do historiador, não póde ser mais authenticico ⁶.

Desde a foz do Rheno até ás suas fontes, o Paiz dos Lagos, Apollonio nada nos diz, mas em compen-

⁵ Preller, *Les dieux de l'ancienne Rome*, pag. 253-5.

⁶ *Herodoto*, III, CXV.

sação conservou-nos uma noticia verdadeiramente inapreciavel.

Aqui está como Argus fundamenta os seus conhecimentos geographicos ácerca do curso do Rheno, Danubio e Rhodano e dos mares, que se podiam procurar pela navegação de cada um.

Ainda a raça de Deucalião não tinha vindo ao mundo — diz elle — e na Grecia apenas habitavam os Arcades Apidanos, quando um *quidam*, á frente d'uma innumeravel multidão de gente, se pôz a percorrer a Asia e a Europa, fundando grande quantidade de colonias, umas das quaes perduravam ainda, outras não. D'entre as subsistentes contava-se a d'Ea e ahi conservavam-se cippos escriptos, onde estavam designadas todas as vias do mar e da terra, sendo por isso que elle Argus, como todos os seus compatriotas, conhecia as fontes dos tres rios e os mares, onde elles desembocavam ⁷.

Para Apollonio Argus é um Colchidio; o *quidam*, que dirige a grande colonisação, é Sesostris, bem que o não nomeie expressamente (o que se torna muito notavel); a colonia d'Ea é a colonia egyptica da Colchida, historiada por Herodoto ⁸; mas escusa de prova que um Colchidio não podia conhecer uma palavra das fontes do Rheno, Danubio e Rhodano, emquanto que Argus conhece tudo isto tão bem, que as suas noticias, como ficou plenamente demonstrado, estão superiores a qualquer contestação.

Consequentemente é fóra de toda a duvida que

⁷ *Argonautica*, IV, 259-81.

⁸ *Herodoto*, II, CIV.

Apollonio alterou a tradição d'Argus, de modo a poder accommodar á Ea da Colchida o que a Argonautica phenicia contava da ilha dos Albiões. Desde que a restituimos á sua primeira fórma, temos que os Albiões eram uma das innumeraveis colonias, que um *quidam*, passando da Asia para a Europa, tinha ido deixando aqui e alli no seu caminho, e que este caminho foi o do Danubio e Rheno.

É de vêr que, quanto mais proximos estivessem os emigrantes da epocha da sua peregrinação, mais viva deviam ter a lembrança dos caminhos, que haviam percorrido, e eram esses caminhos, e não outros, que todos os Albiões conheciam, não de certo por estarem descriptos em cippos, mas guardados na tradição oral.

O grande acontecimento dera-se algumas gerações antes d'Argus e, vista a allusão á raça de Deucalião, para além do sec. xvi a. C. ⁹

Resulta de tudo isto que a Argonautica phenicia nos conservou, e a Argonautica d'Apollonio copiou, o testemunho authenticico d'essa famosa migração árica, que os sabios modernos têm inferido por meio de deducções engenhosas, e que ha cerca de trinta seculos foi narrada aos Phenicios por um insular da Inglaterra, com a especificação do seu itinerario e a data approximada d'aquelle acontecimento.

Como se vê d'esta preciosa informação, ao longo do Danubio e do Rheno tinha ficado uma série de colonias da mesma familia dos Albiões, e as do Rhe-

⁹ Vid. Marmora Parium, *Fragmenta historicorum græcorum*, 1, ed. Didot.

no tiveram os Phenicios occasião de as conhecer melhor ou peor na sua navegação até o paiz dos Lagos, e de verificar o parentesco intimo de todas ellas.

Mas que gente podiam elles encontrar pelas margens do Rhodano? Nós já fallamos dos Ligures da Sicilia e da Italia. Todos elles eram povos arianos, e portanto o seu berço foi a Asia. Quando se trata de saber como apparecem na Italia e na Sicilia, a opinião dos entendidos aponta o alto Danubio como uma estação do seu caminho ¹⁰. Até ahí a sua estrada foi a mesma dos Albiões e tribus companheiras d'estas. Do alto Danubio para a Italia o caminho mais naturalmente indicado é o do Rhodano; mas ha factos, que o persuadem. Por exemplo, os Ombríos, um povo tão antigo na Italia como os Latinos, eram chamados « veteres galli » ¹¹, o que mostra que elles tinham descido da Gallia. Os Arvernos diziam-se intimos parentes dos Latinos ¹², o que prova que

¹⁰ É o caminho que o snr. A. de Jubainville, obr. cit., pag. 262, faz seguir aos Ombrío-Latinos, que parece distinguir dos Ligures. Não vemos que o illustre sabio justifique esta distincção e muito menos a camaradagem dos Ombrío-Latinos e Celtas, que, salvo o devido respeito, chega a espantar-nos. Para nós Ombríos-Latinos, Ligures, Siculos são membros de uma mesma familia, em tudo diferente da celtica, trazidos á Europa pela mesma migração e descendo á Italia pelo mesmo caminho, embora acreditemos que a colonisação da Italia por esta gente se fizesse por emissões successivas, como aliás é natural. Sobre a identidade de Latinos e Ligures, vid. Celesia, *Dell' antichissimo idioma de' Liguri*.

¹¹ Solino, 37, 9, ed. Nicolai.

¹² Lucano, *Phars.* I, 426.

uns e outros tinham visinhado em remotos tempos, sendo tão improvavel que fossem os Arvernos que subissem da Italia para a Gallia, quão provavel que os Latinos, como os Ombrios, descessem da Gallia para a Italia.

Certo é que os arias da Sicilia e da Italia são povos emigrantes, como os Albiões, que seguiram até certo ponto o mesmo caminho que estes, e é mais que provavel que tomassem depois o caminho do Sul pelo Rhodano, como os Albiões tomaram o caminho do poente pelo Rheno. É mais que provavel tambem que a corrente da migração para o sul procedesse do mesmo modo, que a corrente do Rheno, deixando ao longo das margens d'aquelle rio uma cadêa de colonias, que fixaram a sua nova patria nas fertes regiões, que por alli abundavam.

Uma coincidencia que não pôde deixar de ser notada com cuidado: se a chegada dos Albiões á sua ilha pôde datar-se approximadamente do seculo xvi a. C., pelos documentos egypcios sabemos que os arias da corrente do sul já no seculo xv tinham occupado a Sicilia ¹³. Recordemos que o culto de Circe, vulgarizado entre os Italiotas, foram encontral-o os Phenicios no sudoeste da Hispanha e na Inglaterra.

Depois d'isto tudo não se estranhará decerto que acreditemos piamente, que á migração da noticia d'Argus pertença a colonisação árica do Rheno e do Rhodano, e que dêmos como um facto positivo o que ha pouco aventuramos como uma simples hypothe-

¹³ Chabas, obr. cit., pag. 317.

se, a saber, que os Phenicios ampliaram aos povos, que foram descobrindo nas suas navegações, a denominação de Ligures, que primeiro applicaram aos Siculos e Italiotas, e isto porque aquelles povos tinham com estes as mais intimas affinidades. Não se extranhará tambem que acreditemos com a mesma fé, que foi a expedição ao Mar do Norte, pondo os Phenicios em contacto com os povos do littoral europeu desde o sudoeste da Hispanha até á foz do Rheno, depois com os povos ribeirinhos do Rheno até o Paiz dos Lagos, finalmente com as colonias que bordavam as margens do Rhodano, que os auctorizou á classificação ethnographica respectiva ao Occidente.

Esta longa cadêa de populações desde a foz do Rhodano á foz do Rheno, todas da mesma familia, com a mesma educação e as mesmas necessidades, explica admiravelmente como o estanho da Inglaterra soube abrir um caminho commercial, que foi o da salvação dos Argonautas. A noticia das riquissimas minas da Inglaterra devia vulgarisar-se rapidamente por todos aquelles povos, para os quaes o bronze parece ter sido o metal por excellencia e que haviam de procurar com avidéz a materia prima da sua industria favorita ¹⁴.

¹⁴ Tem-se procurado saber de que fabricas estrangeiras vieram os objectos de bronze, que se encontram em todo o Occidente. De fabricas phenicias? etruscas? das fabricas do Caucaso? A nossa opinião é facil d'imaginar: os objectos de bronze, achados no Occidente, foram fabricados no Occidente, e ninguem descobrirá nunca o centro d'esta industria, porque ella estava tão propagada entre os emigrantes arios, como hoje está a do

A ilha dos Albiões, perdida nas extremidades do mar e da terra, torna-se d'este modo um dos focos mais vitaes do mundo ligurico, e depois d'isto nem surprehende a poderosa marinha d'Aetes, nem a sciencia geographica d'Argus e dos Pheacios, conhecendo os caminhos do mar e da terra, que sabemos, e de que deviam estar bem instruidos, já pela tradição dos seus antepassados, já pelas largas relações commerciaes dos seus respectivos paizes com as populações mais distantes.

Não era porém só para o Danubio e para o Rhodano que taes relações se estendiam. Nós já vimos que a estrada maritima do Atlantico era frequentada pelos Albiões e pela gente do sudoeste da Hispanha, e que as familias dos regulos d'estes povos estavam enlaçadas por casamentos. Quanto ao caminho seguido pelos Ligures d'esta parte da peninsula iberica, nada temos a acrescentar ao que já escre-

ferreiro. É por isso que, a par dos artefactos de bronze, se encontram muitas vezes os moldes, em que elles foram fundidos. Nem se crê que os arias, que antes da sua separação conheciam os metaes, como provam as investigações d'A. Pictet, viessem embrenhar-se pelo Occidente, sem trazerem metallurgistas seus, arriscando-se a voltar á idade da pedra. As opulentas minas d'estanho da Inglaterra deviam dar á esta industria um enorme desenvolvimento. A monotonia de fórmas e d'ornamentação, que caracteriza os bronzes do Occidente, e d'onde se tem inferido a existencia d'um centro industrial unico, o que prova simplesmente é que todos os povos do Occidente possuíam as mesmas tradições artisticas — o que aliás é d'esperar, attento o nosso modo de vêr. Não é inutil lembrar que o snr. Evans, *L'âge du bronze*, pag. 315, data do seculo xv a. C. o começo da época do bronze na Inglaterra.

vemos n'outra parte ¹⁵. Thucydides ¹⁶, mostrando-nos os Iberos das proximidades do rio Sicanos fugindo na direcção de poente a nascente deante de uma subita invasão de Ligures, deixa vêr claramente que não é do nascente que veem os conquistadores, ou, o que vale o mesmo, que elles não pertencem á corrente do Rhodano.

Pertencem então á do Rheno, e vê-se que essa formidavel corrente se não exgotou, nem com os Ligures, que se espraíram pelo littoral da direita do Rheno até o Baltico e provavelmente até o sul da Scandinavia ¹⁷, nem com os Albiões, que, tomando a direcção opposta, atravessaram depois para a sua ilha; mas que a colonisação ligurica se veio estendendo por todo o littoral europeu, na direcção do sul, até o sudoeste da Hispanha, onde o seu conflicto com os Bascos d'esta região deu origem á importante tradição que Thucydides nos conservou ¹⁸.

Por este modo desde a ilha dos Albiões até o sudoeste da Hispanha vai-se formando uma cadêa de colonias marítimas, muito semelhantes às do Rheno e Rhodano, e imagina-se se a descoberta do estanho as não interessaria vivamente e não daria causa

¹⁵ *Os Lusitanos*, pag. 26 e seg.

¹⁶ Thucydides, vi, 2.

¹⁷ É a elles que attribuímos os dolmens, que apparecem por aquellas regiões. Comp. cap. xii.

¹⁸ Tem-se como provavel que este acontecimento se deu pelo seculo xv a. C. A colonisação da faxa do poente podia ser reforçada por tribus que atravessassem a Gallia. As tradições dos cambricos auctorizam esta supposição.

a um movimento commercial, identico ao que notamos para o interior da Europa ¹⁹.

É com certeza d'este modo que se abriu a estrada maritima do Atlantico, pouco surprehendente aliás, desde que se nota como ella estava retalhada em curtas secções de colonia para colonia, podendo todo o commercio ser feito por diversos intermediarios. Isto não tira que qualquer audacioso a não possa percorrer d'uma vez, e tanto mais confiadamente, que tem a certeza de encontrar em toda a viagem povos, com que se entende muito bem, como vimos que pensava Lyco, affirmando aos Argonautas que a protecção de seu filho lhes proporcionaria um amigavel acolhimento em todos os portos, onde desejassem parar.

Em resumo: o mundo ligurico da geographia phenicia, ainda corrente no tempo d'Hesiodo, comprehendia uma enorme massa das primeiras colonias arianas, que introduziram na Europa occidental a primeira civilisação digna d'este nome, e cuja vasta área d'occupação os Phenicios puderam verificar na sua celebre expedição ao Mar do Norte. Porque reconheceram em todas estas innumeraveis colonias um intimo parentesco com os povos da Sici-

¹⁹ A actividade commercial entre os povos do sudoeste da Hispanha e a Inglaterra, que o periplo do seculo vi accentua (Avieno, *Ora Maritima*, 113-14), contrasta singularmente com a ausencia quasi completa de relações entre os primeiros e os povos da costa oriental da peninsula. Dir-se-hia que a gente das duas regiões nem se entende, nem se quer entender. Para encontrar noticias sobre a Inglaterra os Phenicios, como sabemos, tiveram de as procurar entre as populações do sudoeste.

lia e da Italia, a quem conheciam com o nome de Ligures, ampliaram este nome a todas aquellas populações, que haviam sahido realmente do mesmo berço e tinham em tudo um mesmo ar de familia.

Onde estão nos tempos historicos esses dominadores do Occidente? Na Italia os seus representantes são sobejamente conhecidos e um d'elles, o latino, soube com o seu genio e a sua tenacidade lutar com todos os desastres e chegar a ser o primeiro povo do mundo; mas os Ligures da faxa occidental da Europa, sobretudo esses Albiões no nascente da Inglaterra, que tanto deram que fazer aos Phenicios, esses famosos marinheiros pheacios da foz do Rheno, todas as populações que da foz do Rheno se estendiam até o Paiz dos Lagos, exhibindo uma actividade propria de todos os povos novos — que é feito de tudo isto?

No tempo de Cesar, o primeiro escriptor antigo que lançou sobre estes paizes uma viva luz, na parte oriental da Inglaterra, onde vimos o poderoso Aetes com a sua formidavel marinha, encontramos os Belgas; a Pheacia está nas mãos dos Batavos, um povo germanico; toda a direita do Rheno é occupada por tribus germanicas, a esquerda pelos Belgas, que, segundo Cesar, desconheciam totalmente o commercio; grande parte da região do Rhodano é occupada pelos Celtas.

Ora não foram com certeza nem os Belgas, nem os Germanos, nem os Celtas, que os Argonautas encontraram por aqui na sua trabalhosa viagem, e é

manifesto que um grande facto ethnologico revolucionou inteiramente aquellas regiões. Esta revolução é produzida por uma nova inundação de povos, a cuja frente apparecem numerosas tribus, conhecidas com o nome de Celtas e tão intimamente ligadas com os povos germanicos, que se lhes seguem immediatamente, que será muito mais feliz que nós quem os puder extremar.

Já n'outros escriptos ²⁰ temos affirmado que os documentos, legados pelos escriptores antigos, nos davam luz sufficiente para seguirmos a marcha d'estes invasores, e para apreciarmos os effeitos desastrosos das suas investidas onde quer que se apresentaram.

A importantissima noticia do periplo phenicio do seculo vi, aponta-nos o alto norte, a região da Ursa gelada, como o primeiro rebate da invasão dos Celtas no mundo conhecido dos Phenicios — rebate, denunciado pelo conflicto d'estas hordas com os Ligures d'aquellas paragens. Trata-se sem duvida nenhuma dos Ligures que se tinham estendido até o Baltico, talvez até o sul da Scandinavia, e é da Scandinavia que nós cremos firmemente terem descido os Celtas ²¹.

Os Ligures completamente destroçados vieram refugiar-se no sul da Inglaterra, e o periplo mos-

²⁰ *Os Lusitanos*, pag. 8 e seg.; estudo sobre a *Ora Maritima*, d'Avieno, pag. 85 e seg.; *Os Celtas na Lusitania*, na *Revista Scientifica* do Porto, n.ºs 2, 3, 4, 6, 7.

²¹ É d'ahi que, segundo Jornandes, desceram os Godos. *Vagina nationum*, chama elle á Scandinavia.

tra-os possuidos de um terror panico, que não tem nada d'exagerado, porque é esse o sentimento que estes barbaros inspiram em toda a parte, onde apparecem.

Já as fórmas gigantescas d'esta gente são imponentes; junte-se-lhe uma ferocidade selvagem ²² e o desfilar d'esquadrões quasi interminaveis, pois que, atraz dos Celtas propriamente ditos, apparecem os Belgas, os Cimbroz ²³ e a massa enorme de povos, já francamente chamados germanicos, que se apertam uns atraz dos outros.

O conflicto dos Celtas com os Ligures do Baltico póde collocar-se muito approximadamente pelo seculo VII a. C. ²⁴, e, combinadas as noticias do periplo com as de T. Livio, é pouco menos de certo, pelo menos para nós, que os invasores marcharam para o coração da Gallia, e em tal numero, que se uma parte d'elles se fixou n'uma vasta área, chamada depois Celtica, uma outra parte, tendo de procurar terras fóra d'ella, se dividiu em duas grandes tur-

²² Pausanias, x, 22, conta dos Celtas, que invadiram a Grecia, actos de verdadeiros canibaez. Mesmo dando desconto de meio por meio ás suas informações, fica o bastante para justificar a nossa affirmativa.

²³ Philemon, escriptor do seculo v, segundo alguns, já conhece os Cimbroz pelo Baltico (em Plinio, H. N. iv, 13). Tambem elles com todas as probabilidades desceram da Scandinavia.

²⁴ Esta data é admittida pelo snr. A. de Jubainville, obr. cit., pag. 278, para marcar o apparecimento dos Celtas na scena historica; mas, na opinião do distincto escriptor, elles irromperiam então do médio e alto Danubio, onde por espaço de mil annos viveriam obscuros. Ambas as hypotheses nos parecem infundadas.

mas, cada uma das quaes toma um caminho differente.

Uma d'ellas segue o caminho do Rhodano e do valle do Pó, apossando-se quasi sem resistencia ²⁵, parece, dos paizes que mais lhe agradam; outra segue na direcção do Bosque Hercynio e estende-se pela Pannonia até o Golfo Adriatico, levando o terror deante de si.

Atraz dos Celtas vêm os Belgas, que se apoderaram da parte da Gallia, chamada por Cesar Belgica. Algumas das suas tribus conquistam depois uma parte da Inglaterra e outras desgarram até á Aquitania ²⁶.

Deixemos de lado os Batavos e os povos que chamamos francamente germanicos, ligados ininterruptamente a esta espantosa invasão, que alguns seculos depois havia de triumphar definitivamente dos povos do sul, dando em terra com toda a civilisação do Occidente.

Vê-se que no tempo de Cesar uma grande parte do velho mundo ligurico estava completamente desorganizado, e que justamente na parte da Inglaterra, onde governou Aetes, na Pheacia, nas margens do Rheno, no Paiz dos Lagos, em parte das margens do Rhodano, davam leis outros dominadores, sendo por isso impossivel querer descobrir os representantes das populações, que por alli encontraram os Phenicios na sua memoravel travessia.

²⁵ Salvo n'um ou n'outro ponto, como na Hispanha, onde elles penetraram tambem depois do seculo vi.

²⁶ Se os Volcæ são Belgas.

Mas nenhum d'esses povos sobreviveu ao grande cataclysmo? É o que vamos estudar, e será ainda pela Inglaterra, a ilha dos Albiões, que vamos começar o nosso exame.

No tempo de Cesar e de Tacito, havia alli um contraste de raças tão saliente, que o ultimo escriptor o olha com certa surpresa. Emquanto que as populações do poente da ilha reproduziam a tal ponto a physiognomia dos povos do sul, que Tacito chega a attribuir-lhes uma procedencia hispanica, as do nascente reproduzem de tal sorte o typo dos povos do norte, que o mesmo historiador lhes attribue uma procedencia germanica ²⁷.

D'estas ultimas diz-nos Cesar muito expressamente que eram um ramo dos Belgas. Os Belgas pois tinham passado do continente para a ilha ²⁸,

²⁷ Cesar, *De Bello Gallico*, v, 12; Tacito, *Agricola*, xi. O typo celtico, caracterisado pela sua estatura agigantada, como todos os homens do norte, que por isso desprezavam os homunculos do sul (Cesar, II, 30), pela côr ruiva ou loura dos cabellos, olhos azues e alvura de pelle, está tão bem desenhado pelos escriptores antigos, que toda a discussão sobre este ponto é mera chicana, sem gloria, nem proveito. Zeus, *Die Deutschen und die nachbarstämme*, pag. 49 e seg., colligiu os principaes textos concernentes a esta questão; Belloguet, obr. cit., colligiu-os todos, discutindo-os com toda a paciencia. Em seguida se verá o motivo que nos leva a deixar bem accentuado este dogma ethnologico, porque o é.

²⁸ No seculo v a. C., segundo o snr. Jubainville. A mesma data é accete por Belloguet. Cesar deixa entender que a invasão dos Belgas na Inglaterra era relativamente moderna. O certo é que o periplo phenicio do seculo vi ainda não conhece Celtas na Inglaterra.

conquistando a parte oriental d'ella e os seus antigos dominadores, não podendo repellir a invasão, recuaram para a região occidental, conservando ahi uma independencia, que mais tarde tiveram de disputar desesperadamente contra as legiões romanas.

Ninguem póde duvidar por um momento que os Silures de Tacito, os mesmos a quem Cesar chama bretões autochthonos, não sejam uma collectividade formada pelos antigos Albiões e por outros povos da mesma familia que tinham feito causa commum contra o estrangeiro; e ahi temos então nos escriptos de Cesar e de Tacito importantes noticias ácerca dos seus caracteres physicos, da sua religião, que era o druidismo, etc.

Temos porém alguma cousa mais.

Como se sabe, ha ainda hoje na Inglaterra um povo que se vangloria de ser o primeiro occupante d'aquella ilha e de ter conservado através de todas as revoluções a sua individualidade propria, a historia do seu passado e até a sua lingua primitiva.

Este povo é o Cambrio e aqui está o resumo das suas tradições historicas, na parte que interessa especialmente o nosso trabalho: Tres são os periodos, em que os Cambrios dividem a ethnographia da Inglaterra até á dominação saxonica. O primeiro comprehende os Cymros ²⁹ puros, como elles se de-

²⁹ Segundo os etymologistas, o nome de Cymros compõe-se de dous termos, como o nosso vocabulo *co-terraneos*, *com-patriotas*, e com o mesmo significado. É bem possivel que tal nome de-va a sua origem ao facto, que obrigou os povos liguricos da Inglaterra a formarem uma liga contra o invasor estrangeiro.

nominam, e que vieram colonisar a Inglaterra por mais d'uma vez. A primeira colonia foi conduzida por Hu e veio do paiz d'Af, onde hoje é Constantinopla, accrescenta uma velha glosa ³⁰. O seu caminho foi pois o do Danubio e do Rheno, como inferem justamente os commentadores.

Dir-se-hia a cópia da tradição d'Argus ³¹.

O segundo periodo comprehende as tribus, que vêm colonisar a ilha com o beneplacito dos primeiros occupantes ³². Pertencem certamente á mesma familia, porque lhes é dado entrar na communi-
dade dos Cymros puros, ao fim da nona geração ³³. Entre ellas figuram os homens de Galedin, que fugiram do seu paiz em consequencia de um grande desastre. Feitas certas reservas ³⁴, dir-se-hia ainda ouvir o periplo phenicio contando, como os Ligures do Baltico vieram refugiar-se no sul da Inglaterra, ao serem expulsos da sua velha patria.

O terceiro periodo abrange as tribus chamadas usurpadoras, que entraram de mão armada na ilha.

³⁰ *Triada*, IV. Seguimos a traducção e numeração de Diefenbach, *Celtica*.

³¹ A segunda colonia seria conduzida por Prydain, filho de Aed (Ibidem), que Davies considera o antepassado dos Æduos, ou o Dis (Aides) dos Gaulezes. Nós limitamo-nos a approximar este nome do Aetes dos Argonautas.

³² *Triada*, VI.

³³ Talvez a sua admissão na communiidade dos Cymros fosse determinada pela invasão estrangeira e a necessidade d'auxiliares. N'este caso entre este facto e o primeiro apparecimento dos Celtas no norte mediariam nove gerações.

³⁴ Os homens de Galedin abandonariam a sua patria por causa d'uma inundaçào.

A primeira em data é a dos Coranios ³⁵, que desde a sua invasão se tornam os inimigos figadaes dos Cymros. Na lucta d'estes com os Romanos, lá se bandeiam com os Romanos, depois da queda do imperio, e quando os Saxões invadem a Inglaterra, lá fazem causa commum com os novos invasores, e a independencia dos Cymros acabou então ³⁶.

Duvide quem puder da authenticidade d'estas noticias. Para nós a sua inteira concordancia com as informações que temos recolhido de fontes phenicias, gregas e romanas, é tão imponente, que toda a duvida se torna impossivel. Mesmo sem estes testemunhos, nem sequer soffre discussão, que os Cambrios são, como affirmam as suas Triadas, os primeiros civilisadores da Inglaterra, os legitimos representantes dos velhos Albiões, dos Silures e outros povos da mesma familia, que nunca puderam transigir com os gigantes do norte ³⁷.

Se pois na peninsula italica a gente ligurica soube resistir a todas as contrariedades e attingir com os Romanos uma grandeza sem igual, desde que assimilou todas as conquistas das civilizações mediterraneas, os Cambrios na Inglaterra, tendo salvado no meio de successivos desastres as suas tradições e antigos costumes, e a sua lingua, permitem ainda

³⁵ *Triada*, VII.

³⁶ *Ibidem*, com a variante d'Oven.

³⁷ Os Coranios eram tidos por gigantes. (E. Davies, *Celtic Researches*, pag. 200 e seg.). Estes Coranios gigantes, estas primeiras tribus usurpadoras não são manifestamente os Belgas de Cesar, os Caledonios de Tacito, os Celtas se assim quizerem?

hoje estudar o genio ligurico e a sua civilisação sob uma face soffrivelmente archaica e eminentemente instructiva.

Para os fins da nossa investigação, basta-nos assentar que os Ligures britannicos se differencavam radicalmente dos gigantes do norte pelo seu typo physico, pela sua religião, o druidismo, que, seja dito de passagem, tem ainda hoje um echo vibrante na alma dos Cambrios, e que a sua lingua está hoje representada pela lingua cambrica e suas congêneres.

Posto isto, se na Celtica vemos vigorar o druidismo, e tão exactamente igual ao da Siluria, que os Celtas da Gallia Central, quando queriam estudalo a fundo, iam praticar com os padres d'aquelle paiz ³⁸, nós nem sequer discutimos se o druidismo da Celtica podia ser celtico, i. é, instituição dos Celtas. Já para nós seria um grande milagre, que, sendo os Celtas intimos parentes dos Belgas, como ninguem contesta, tendo sahido provavelmente do mesmo berço, tendo corrido os mesmos destinos e tendo entrado na Europa quasi, senão ao mesmo tempo, nos apparecessem com instituições e lingua differentes da lingua e instituições dos Belgas, conforme Cesar affirma muito positivamente ³⁹; appareceremos com lingua e instituições, identicas aos Ligures da Inglaterra, seria muito mais que um milagre.

No emtanto a identidade do druidismo da Celtica

³⁸ Affirmativa categorica de Cesar, vi, 13.

³⁹ I, 1.

e da Siluria, a identidade das linguas ⁴⁰ d'uma e outra região, são cousas incontestaveis, e seguramente nem os Silures do poente da Inglaterra vieram copiar o druidismo e a lingua da Celtica, nem ás avessas. Mas a solução d'estes enigmas não se mette, a bem dizer, pelos olhos dentro? Antes da conquista celtica a Gallia central era habitada por povos em tudo semelhantes aos Silures. Esses povos não desappareceram com a dominação barbara. N'este particular temos o testemunho positivo dos antropologistas, cujas investigações mostram que a maioria da população da Celtica era tão differente do typo celtico, que os seus representantess actuaes são os Bas-Bretons e os Auvergnats ⁴¹. Admira pois que na Celtica, habitada por uma maioria de povos liguricos, haja a mesma religião e a mesma lingua, que na Siluria, habitada por gente da mesmissima familia?

Mas a que se reduziu então a influencia dos Celtas conquistadores? A questão está já resolvida pelo snr. A. Bertrand n'estas poucas palavras: Os conquistadores da Gallia central acharam-se em face do druidismo, como mais tarde os Frankos em

⁴⁰ Escusado demonstrar que a identidade de uma religião, como o druidismo, com as suas doutrinas philosophicas, etc., implica a identidade de linguas.

⁴¹ Broca, *Recherches sur l'ethnologie de la France; Nouvelles recherches, etc.*, nas *Memoires d'Antropologie*; Topinard, *Antropologie*, pag. 474. É bom lembrar que os Auvergnats são representantess dos antigos Arvernos, que se diziam intimos parentes dos Latinos.

face do catholicismo ⁴². Quer dizer, uns e outros perfilharam a civilização dos vencidos. Incapazes de governar uma sociedade muito mais culta que a d'elles e não querendo, ou não podendo destruil-a, contentaram-se com as regalias, que lhes dava a sua posição de dominadores, tornando-se a classe aristocratica, os Equites de Cesar, e confiando ao sacerdocio indigena todos os altos poderes do estado.

Era só para estes magnates, que dispunham da paz e da guerra, que Cesar tinha olhos, elle e os outros politicos, quando nos dá a photographia d'esses gaulezes agigantados, em que se reconhecem os signaes da raça germanica ⁴³; a maioria da popula-

⁴² A. Bertrand, *Archeologie celtique et gauloise*, pag. 441 e seg. Claro está que não concordamos com o snr. Bertrand, quando quer que os conquistadores sejam Gallos e os vencidos Celtas. O texto de Cesar: « qui ipsorum lingua Celtæ, nostra Galli appellantur » parece-nos para o caso muito significativo, desde que se nota que o auctor dos *Commentarios* não fazia caso da arraia meuda da Gallia, que formava innegavelmente a população vencida. É bem de crêr então que a classe aristocratica, com quem elle se entendia e á qual unicamente ligava importancia, se vangloriasse da sua procedencia celtica, que ninguem podia contestar-lhe. Se nós tivéssemos de dar um nome particular aos Ligures da Celtica, á arraia meuda, dar-lhes-hiamos o de Gallos, pensando nos *veteres Galli* da Ombria.

⁴³ Já vimos atraz que Tacito fliava os Belgas da Inglaterra na raça germanica. Strabon, IV, iv, 2, affirma que os Celtas se assimilavam de tal sorte aos Germanos no physico e no moral, que, para formar uma ideia exacta dos antigos Celtas, não havia mais que attentar nos Germanos do seu tempo. O germanismo dos Celtas, a que subscrevemos, passa por uma hypothese desacreditada; mas, quando se extremar bem o mundo ligurico do

ção formava a arraia meuda, de que ninguem fazia caso, porque, reduzida pela conquista a uma lamentavel servidão, ninguem ia interrogal-a na sombra, em que vivia.

E vê-se que não ha razões para chicanar os textos de Cesar, como se tem feito, querendo obrigar-os a dizer o que elles não dizem, por exemplo, a martyrisada passagem, que affirma terminantemente a differença d'instituições e de linguas entre os Belgas e os Celtas da Gallia central ⁴⁴. Ao contrario dos Cel-

mundo celtico, que andam hoje deploravelmente confundidos, nós queremos vêr o que se ha de fazer do ultimo, ficando entre o primeiro e o mundo germanico, como uma alma penada, que nem pôde entrar no Céu, nem no Inferno.

⁴⁴ Pelo que respeita ás instituições religiosas, não ha divergencias : ninguem sustenta que os Belgas tivessem instituições druidicas. Quanto á lingua, é differente. Já para Zeus a differença entre a lingua dos Belgas e dos Celtas é puramente dialectal. Esta hypothese inteiramente gratuita, esvae-se em nada, desde que se mostra que o druidismo é ligurico e não celtico. Os Celtas, conquistadores da Gallia central, perfilharam a civilisação dos vencidos. É um facto incontestavel. Perfilhar a civilisação dos vencidos, o druidismo com os seus codigos de leis, as suas doutrinas philosophicas, etc., e não perfilhar a lingua, em que tudo isto foi elaborado e formulado, é querer que os barbaros fizessem traduzir tudo isto na sua lingua, e admittir que a sua lingua estava no caso de traduzir concepções, de que nunca se havia occupado. Simplesmente impossivel. A lingua da Celtica, tanto a fallada pela grande maioria do povo, como a empregada no que se poderia chamar mundo official, era pois a lingua dos vencidos, a lingua ligurica, e não a dos Celtas conquistadores, a lingua celtica. Lingua celtica era certamente a dos Belgas, que nos Treviros se não differencava da dos Germanos, como affirma S. Jeronymo, e que devia differencar-se tanto da lingua ligurica, vulgar na Celtica, como hoje as linguas chamadas neo-latinas se

tas, os Belgas tinham conservado a sua lingua e instituições nacionaes; nem isso admira, porque haviam seguido um processo de conquista em tudo diverso dos seus visinhos, começando por expulsar das terras subjugadas os povos que alli encontraram ⁴⁵ e persistindo de tal sorte na sua rudeza, que os commerciantes nem procuravam os seus dominios ⁴⁶. É de vêr n'este caso que as instituições e lingua dos Belgas haviam de differençar-se radicalmente das dos seus visinhos Celtas, que tinham adoptado as dos povos vencidos ⁴⁷.

A persistencia da raça ligurica na Gallia Central e a persistencia da sua civilisação são factos de capital importancia nas investigações, que nos occupam; porque, se no resto da Gallia, na Italia e na Hispanha succedeu a mesma cousa, a conclusão necessaria é que a influencia dos Celtas n'estes paizes

differençam das germanicas. Fallava-se na Gallia uma lingua celtica, segundo affirma Sulpicio Severo, além da que elle chama gallica, e nós chamaremos ligurica, já se sabe porque? É mais que provavel. Não só é bem possivel que a classe aristocratica da Celtica, orgulhosa da sua procedencia celtica, não esquecesse a sua lingua nacional, mas é muito provavel que, ainda depois da dominação romana, na parte da Gallia possuida pelos Belgas, a sua lingua, que não era senão a celtica, continuasse a ser empregada.

⁴⁵ Cesar, II, 4.

⁴⁶ Cesar, I, 1.

⁴⁷ Sobre estas questões vid. Moke, *La Belgique ancienne*.

foi, moral e socialmente, nulla e no dominio antropológico pouco menos de nulla.

Quanto ao primeiro ponto, cumpre registrar as observações dos escriptores mais insuspeitos, quando affirmam que o imperio celtico foi ephemero ⁴⁸; que os Celtas não deixaram, nem « um monumento, nem uma costumeira, nem o nome de uma divindade » ⁴⁹, nada.

E que memorias podiam elles deixar, mesmo que déssemos o desconto de meio por meio ás palavras de Polybio, quando nos diz que elles desconheciam todas as commodidades da vida? As suas excursões para a Hispanha, para a Italia, para a Grecia, são actos de verdadeiros nomadas, habituados a viver do saque e da rapina, desprezando tudo o que é trabalho, agricultura, industria, commercio; porque o officio das armas, sua unica occupação, e as suas irresistiveis assaltadas lhes permittiam viver á custa do trabalho alheio ⁵⁰. Mais tarde, quando esta vida errante começa a desagradar-lhes, importa pouco por que motivos, e se resolvem a fixar-se em tal e tal paiz, por força que não têm outra cousa a fazer senão o que fizeram os Celtas da Gallia Central:

⁴⁸ A. de Jubainville, obr. cit., pag. 279.

⁴⁹ A. Bertrand, obr. cit., pag. 398. O snr. Bertrand refere-se aos Gallos, que considera, como vimos, posteriores aos Celtas. Por este motivo tomamos a liberdade d'escrever Celtas onde elle escreve Gallos. D'outro modo falseariamos a sua ideia. Belloguet attribue aos Ligures quasi tudo o que pôde ter o nome de civilização no antigo Occidente. Vid. *Le genie gaulois, passim*.

⁵⁰ Estes velhos habitos nunca elles perderam. Onde quer que appareçam Celtas, apparecem turmas de guerreiros, promptos a pôr a sua espada ao serviço de quem lh'a paga.

adoptar a civilisação dos povos, com que se misturam, pois que não hão de, nem podem, forçal-os a adoptar a sua barbarie. É com certeza o que fazem na Hispanha, e ali não ha cousa que se pareça com um imperio celtico; porque entre Iberos e Celtas firmou-se um accordo amigavel, que exclue qualquer predominio a favor d'um dos pactuantes. Tudo leva a crêr que o mesmo acontecesse com os Celtas da Aquitania, onde ninguem descobriu que elles escutecessem os indigenas. No Valle do Pó, depois de destruida a civilisação e dominio dos Etruscos, alguma cousa poderiam construir, se tivessem que; porquanto as tribus celticas, que por alli se estabeleceram, conservaram sempre a sua arrogancia de conquistadores e davam effectivamente a lei; mas, quando os Romanos se sentiram com forças para as grandes luctas, as guerras contra aquella gente, atizadas por um odio velho ⁵¹, foram tão encarniçadas e tenazes, que a destruição das populações celticas foi pouco menos de completa.

Os Celtas não podiam deixar vestigios da sua civilisação, porque não tinham civilisação nenhuma; o seu imperio não podia deixar de ser ephemero, pois, se na Gallia Central, onde elle melhor deveria radicar-se, por poder tirar forças e exemplo dos Belgas e Germanos, os conquistadores apenas se distinguem, como uma casta guerreira, alheia ao governo do paiz, o que ha a esperar d'essas turmas,

⁵¹ Diz Polybio que os Gæsatas se gabavam de ter saqueado Roma, como descendentes da gente de Breno. Os Romanos não o ignoravam.

que vêm embrenhar-se para o sul, isoladas umas das outras, e fixando-se aqui e alli ao acaso, e entre populações, relativamente muito mais cultas que ellas?

E, se n'estas condições a sua influencia moral sobre os povos do sul é nulla, como não póde deixar de ser, antropologicamente os seus resultados não podem ser muito sensíveis. É conhecida a lei, segundo a qual uma raça exotica vai degenerando e acaba por quasi desaparecer ao fim d'algumas gerações, quando vem viver e cruzar-se com uma raça indigena, que constitue sempre a grande maioria da população. Ora com toda a certeza, do mesmo modo que vimos succeder na Gallia central, os Celtas que desgarraram para Aquitania, para o valle do Pó, para a Hispanha, encontraram n'estes paizes numerosas populações e acabaram por se misturar com ellas, ficando assim condemnados a desaparecer como raça distincta ⁵².

Não podemos terminar estas observações, sem chamar a attenção para os effeitos da conquista germanica do seculo v da nossa éra, que nos parece a melhor pedra de toque, para avaliar qual podia ser a influencia da conquista celtica. É bem sabido que a invasão germanica do quinto seculo foi bem mais formidavel que a dos Celtas. Dir-se-hia que toda a Gallia, a Hispanha, a Italia ficaram inundadas por uma enormissima torrente de povos germani-

⁵² Belloguet, no volume *Types gaulois et celto-bretons*, estuda com a sua profundidade habitual a degeneração physica dos gigantes do norte em contacto com as populações do sul, muito mais numerosas.

cos, que se espraizou para o sul da Europa e chegou a transpôr o Mediterraneo.

Um outro Breno entra as muralhas de Roma, mas para reconhecer, que o grande campeão dos homunculos do sul estava morto e bem morto. Nada parece oppôr-se á germanisação de todo o Occidente. Mas o que vemos nós seculos depois? Na Italia, na Hispanha, na Gallia, exceptuando apenas a parte da Belgica, d'onde a população ligurica fôra expulsa, conforme a noticia conhecida de Cesar, vemos reaparecer uma infinidade de povos, que nem pelas tradições, nem pelos costumes, nem pela lingua, por nada n'uma palavra, tem que vêr com a gente germanica; e, se se quer mesmo encontrar os representantes da raça germanica, é preciso ir procural-os nas mesmas regiões, onde elles predominavam no tempo do auctor dos Commentarios.

Esta coincidencia pôde ser filha d'um mero acaso? Ninguem o acredita decerto.

O que não tem duvida nenhuma é que a dominação dos Germanos do seculo v da nossa era não foi por fim menos ephemera sobre os povos do sul, do que havia sido a dos Celtas no seculo vii a. C., e nenhuma duvida tambem, para nós, que as causas foram as mesmas. Nem os Germanos, em pequeno numero, relativamente aos povos conquistados, puderam evitar a sua absorpção, como raça distincta; nem influenciaram em nada a civilisação d'aquelles povos, porque ella era muito superior á sua.

E, se a grande invasão germanica produziu estes resultados quasi nullos, o que podia produzir a conquista celtica, que a par d'aquella se pôde dizer insignificante?

Em conclusão — nós admittimos com Gaspar Zeus que a antiga ethnographia do Occidente tem apenas dois factores, dignos de ser tomados em consideração — os homens do norte e os homens do sul⁵³, que disputaram sempre, e disputam ainda, o predomínio d'esta parte da terra. A categoria dos primeiros pertencem os Celtas e os Belgas, que para nós são ramos da familia germanica, com instituições e lingua, muito diversas das dos homens do sul.

Quanto a estes, a sua enorme maioria é formada pelos povos da primeira migração ariana, cuja distribuição geographica esboçamos atraz e que desenvolvia desde o Baltico até o Mediterraneo a já notavel civilisação, que importaram consigo, quando cerca do seculo VII a. C. os homens do norte, com os Celtas á sua frente, apparecem na scena da historia, desorganizando aquelle velho mundo, aniquilando-o em partes inteiramente, n'outras reduzindo os seus antigos dominadores a uma condição miseravel. Nas regiões, d'onde estes não foram expulsos e onde continuaram a subsistir em maioria, com relação aos invasores, a acção dos homens do norte só conseguiu produzir uma enorme perturbação. De resto nem a antiga civilisação ariana se perdeu, pois que os barbaros acabaram por a perfilhar; nem a raça ligurica foi sensivelmente alterada pela infusão de sangue celtico ou germanico, que se pôde comparar, salva a exaggeração, a algumas gottas cahidas no oceano. Mas, o que mais nos importa, no tempo

⁵³ É como Zeus abre a sua obra, *Die Deutschen* etc.

dos Argonautas, todo o Occidente é propriedade dos Ligures, que dominaram n'elle desassombradamente até o seculo VII; e nomeadamente na Inglaterra, na Pheacia, pelas margens do Rheno, no Paiz dos Lagos, pelas margens do Rhodano, que os Phenicios puderam visitar na sua forçada navegação, florescia um sem numero de povos, cujas instituições e lingua, muitissimo differentes das dos celto-germanos, podem ser estudadas com proveito tanto nos escriptores antigos, quando bem comprehendidos, como nos monumentos cambricos, irlandezes, etc. ⁵⁴

A favor da extensão d'esta grande familia por todo o Occidente, da sua antiguidade e perpetuidade n'esta terra, de que fez uma patria definitiva, fallam eloquentemente os nomes geographicos que a cobrem, e que os competentes affirmam poderem ser decifrados pelo cambrico, irlandez, etc., devendo concluir-se que n'essa lingua, ou n'outra intimamente aparentada com ella (o que para o nosso caso vale o mesmo), é que elles foram creados ⁵⁵.

⁵⁴ No dominio irlandez são notaveis os trabalhos do snr. Sumner Maine.

⁵⁵ É para nós inconcebivel como as conscienciosas investigações de Belloguet o não levaram a combater a celticidade da lingua dos Cambrios, Irlandezes e congeneres. Elle, que reclamava para si « a honra de ser o primeiro a apresentar os Ligures como o verdadeiro tronco da arvore genealogica da França », podendo dizer o mesmo com relação ás Ilhas Britannicas, á Hispanha, á Italia; que attribuía quasi toda a antiga civilização do Occidente aos Ligures; que demonstrava de que modo os Celtas tinham desaparecido no meio da grande maioria das populações liguricas, que os absorveram — é inconcebivel para nós, repetimos, como o grande investigador pôde admittir que os Celtas n'estas condições lograssem impôr a sua lingua aos povos do

Occidente. « É essa — diz elle — a grande difficuldade, ou antes a unica difficuldade da questão; sem isso nem mesmo haveria questão. Receio muito que ella nunca venha a resolver-se. » (*Ty-pes gaulois, etc.*, pag. 305). Mas a questão, como Belloguet a formula, e como entendemos que deve ser formulada, resolve-se muito bem pelo absurdo. É absurdo admittir que os Celtas (lêde Belgas) impozessem a sua lingua aos Cambrios, pois que é certissimo que, ainda no tempo de Cesar, os Cambrios conservaram a sua nacionalidade, a sua religião, o druidismo, portanto a sua lingua, vivendo completamente independentes dos Celtas. É absurdo que os Celtas impozessem a lingua aos Irlandezes, porque os Celtas nunca pozeram o pé na Irlanda. É absurdo que os Celtas, uns barbaros do seculo VII, se pozessem a reformar toda a toponymia e nomes ethnicos, mesmo nos paizes, onde demoraram; n'aquelles, onde não habitaram, como na Cambria, Irlanda, em grande parte da Hispanha, o absurdo ultrapassa todas as marcas. Fallamos, já se entende, dos nomes geographicos e ethnicos, que se explicam pelo cambrico e linguas irmãs. No systema de Belloguet, a imposição da lingua dos Celtas aos povos liguricos não é uma questão, é um impossivel absoluto. Admittindo a proposição contraria — que os Celtas, em toda a parte onde se misturaram com os povos liguricos, perfilharam a sua civilização e a sua lingua — não ha tambem questão, porque tudo se explica da maneira mais natural do mundo.

Não sei se o meu amigo Adolpho Coelho repetirá ainda que eu faço dos « celtistas da escola de Zeus uns celtomanos de nova especie » (Na *Revista de Guimarães*, III, n.º 4). Depois de declarar que sou um dos mais sinceros admiradores dos trabalhos linguisticos dos *celtistas* e que é d'elles que espero uma vivissima luz para as nossas antiguidades, direi com a mesma franqueza que, se elles chamam linguas *celticas* ao cambrico, irlandez, etc., dando áquella denominação o mesmo valor, que toda a gente dá á denominação de *franceza*, referindo-se á lingua dos Francezes (o sr. Gaidoz diz que não faz questão de nome), pouco tenho que objectar; quando porém da denominação de linguas *celticas* os *celtistas* inferem e pretendem mostrar que taes linguas eram as dos Celtas e povos Celtas os que as fallaram e fallam, até que me não destruam os argumentos, que tenho exposto, sustentarei que os *celtistas d'esta especie* estão no mesmo caso, em que estaria quem inferisse da denominação de lingua *franceza* que os Francezes fallam a lingua dos Frankos e são da raça dos Frankos.